

**Cumplicidades e Parcerias:**

**Lina Bo Bardi e Martim Gonçalves na Escola de Teatro da Universidade da Bahia, na Escola da Criança do MAMB e na Expo Bahia da V Bienal de São Paulo.**

Jussilene Santana

Atriz, jornalista e doutoranda do Programa de pós-graduação em Artes Cênicas da Escola de Teatro da Ufba.

[junesantana@gmail.com](mailto:junesantana@gmail.com)

## **Cumplicidades e Parcerias:**

### **Lina Bo Bardi e Martim Gonçalves na Escola de Teatro da Universidade da Bahia, na Escola da Criança do MAMB e na Expo Bahia da V Bienal de São Paulo.**

#### **Resumo**

O presente trabalho narra parcerias criativas entre a arquiteta Lina Bo Bardi e o diretor teatral Eros Martim Gonçalves na Bahia entre os anos de 1959 e 1961. Para além das conhecidas cenografias das peças *A Ópera dos Três Tostões* e *Calígula*, ambas dirigidas por Gonçalves, Lina Bo desenvolveu intensa parceria com o diretor pernambucano. Já em abril de 1959, Lina Bo, Hans Koellreutter e Martim Gonçalves ministram o curso “Conversas sobre a continuidade histórica da expressão estética do homem – da pré-história à arte contemporânea” na Escola de Teatro da então Universidade da Bahia. Ainda em 1959, com a colaboração de Lina Bo Bardi, Martim Gonçalves estrutura a participação da unidade no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, na Reitoria; Em setembro do mesmo ano, Gonçalves planeja e realiza, com a concepção arquitetônica de Lina, a participação da Escola de Teatro na V Bienal de São Paulo. A *Exposição Bahia* traz fotos de Pierre Verger, Silvio Robatto, Ennes Mello e Marcel Gautherot, as carrancas do São Francisco, os objetos do cotidiano e imagens sacra, mostrando as influências da cultura africana e do recôncavo baiano. Em maio de 1960, Martim Gonçalves e Lina Bo criam um novo projeto, a Escola da Criança, nas dependências do Teatro Castro Alves, onde também funcionava o Museu de Arte Moderna da Bahia (Mamb). A arrojada unidade de educação infantil ensina os mais modernos métodos e técnicas de artes plásticas e música para crianças. A aula inaugural da Escola da Criança acontece em 25 de maio de 1960, com a participação dos 26 professores-bolsistas. O *Diário de Notícias* do dia seguinte abre matéria com declaração de Martim, reforçando os objetivos do projeto. Em janeiro de 1961, durante o primeiro aniversário do Mamb, Lina Bo fala com animação deste projeto conjunto do Mamb com a Escola de Teatro, afirmando a existência de 150 inscritos.

#### **Complicity and Partnerships:**

### **Lina Bo Bardi and Martim Gonçalves in the School of Theater da Bahia, School of Child MAMB and Expo Bahia the Fifth Bienal of Sao Paulo**

#### **Abstract**

This work shows creative partnerships between the architect Lina Bo Bardi and theater director Eros Martim Gonçalves in Bahia from 1959 to 1961. In addition to the known parts of the scenery of *the Three Pennies Opera* and *Caligula*, both led by Gonçalves, Lina Bo has developed intense partnership with this director from Pernambuco. By April 1959, Lina Bo, Hans Koellreutter and Martim Gonçalves taught the courses “Conversations on the historical continuity of aesthetic expression of man - from pre-history to contemporary art” in the School of Theater of University of Bahia. Also in 1959, with the assistance of Lina Bo Bardi, Martim Gonçalves structure the participation of the unit in the IV International Colloquium on Luso-Brazilian Studies in Reitoria; In September of that same year, Martim Gonçalves plans and performs with the architectural design of Lina the participation of the School Theater at the Fifth Bienal of Sao Paulo. The Expo exhibits pictures of Bahia by Pierre Verger, Silvio Robatto, Ennes Mello and Marcel Gautherot, the gargoyles of San Francisco River, everyday objects and sacred images, showing the influences from African culture and from Recôncavo Baiano. In May 1960, Martim Gonçalves and Lina Bo create a new project, the School of the Child on the Teatro Castro Alves, where it was also installed the Museum of Modern Art of Bahia (Mamb). The advanced education unit teaches children the most modern methods and techniques of art and music. The inaugural class of the School Children's happening on May 25 1960, with the participation of 26 teachers-scholars. The *Diário de Notícias* of the next day open text with a statement by Gonçalves, reinforcing the objectives of the project. In January 1961, during the first anniversary of Mamb, Lina Bo talks with animation of this joint project Mamb with the School of Theater, affirming the existence of 150 subscribers.

## **Cumplicidades e Parcerias:**

### **Lina Bo Bardi e Martim Gonçalves na Escola de Teatro da Universidade da Bahia, na Escola da Criança do MAMB e na Expo Bahia da V Bienal de São Paulo.**

#### **A Bahia no contexto do Nordeste brasileiro dos anos 1950/1960**

Caracterizado como região agro-exportadora desde o período colonial, o Nordeste brasileiro a partir da década de 1950 ingressa no fluxo do capitalismo moderno, sofrendo transformações integradas ao movimento da industrialização brasileira, que se manifestam, sobretudo, com a inserção do setor petrolífero na economia. A Bahia, em especial, vive impacto socioeconômico que altera profundamente os antigos padrões de produção e crescimento com a descoberta do petróleo no bairro do Lobato, em Salvador, em 1939, e a posterior criação de uma refinaria. O estado, detentor de 5% de *royalties*, é o único produtor no Brasil até os anos 1980. Em consequência destas modificações, a Bahia volta a ter peso sobre o centro decisório do país, posição por série de motivos perdida desde a Proclamação da República.

Com a injeção de volume inédito de investimentos, há uma exponencial expansão dos salários pagos aos profissionais de Salvador, a formação de uma classe média urbano-industrial, o crescimento da construção civil e a criação de portos e rodovias seminais, como a BR-324, ligando por terra Rio de Janeiro e Bahia. Até então, Salvador era atravessada por uma sociabilidade quase comunitária, com a comunicação sendo exercida em boa parte de forma interpessoal. A tradicional elite baiana permanecendo no poder enquanto aspirava uma 'cultura de academias', valorizando a oratória rebuscada e o conhecimento de aparência enciclopédica. As mudanças no *status quo* começam a se fazer presente por intermédio de uma mentalidade mais integrada aos centros político-econômicos do país.

As alterações socioeconômicas expressam-se no acelerado crescimento urbano, na ampliação do setor de serviços e no desenvolvimento de classes ou segmentos sociais 'modernos'. Cresce a reflexão sobre a descaracterização arquitetônica e comportamental da quadricentenária cidade, sendo este tema recorrente em diferentes jornais da época.<sup>1</sup> Salvador – como outros centros urbanos do país – passa então a receber uma massa trabalhadora proveniente de pequenos municípios, que sem infra-estrutura básica sofre sérios problemas de habitação, desemprego, transporte e saneamento.

No campo cultural, o reitor Edgar Santos assume papel fundamental à frente da então Universidade da Bahia. O projeto de Santos para a superação do atraso baiano pregava a necessidade de convergência entre o poder econômico e o poder cultural. (RISÉRIO, 1995: p.526). Sendo que à frente desta ação integrada deveria estar um núcleo de ensino superior estruturado como pólo de informação de ponta. Assim, no primeiro decênio como reitor, em junho de 1956, Santos comemora a construção do Hospital das Clínicas, da Escola de Enfermagem, da Reitoria, do restaurante e residência universitária, dos pavilhões das Faculdades de Farmácia e Filosofia, das obras para os prédios de Odontologia e da Politécnica, além da criação e manutenção de inusitados cursos de Teatro, Dança e Música.<sup>2</sup>

Por meio da universidade, a Bahia recebe o músico austríaco Hans Joaquim Koellreutter que implanta os Seminários de Música, em 1954; a polonesa Yanka Rudzka, fundadora da primeira Escola de Dança de nível superior do país criada em outubro de 1956; o português Agostinho da Silva, mentor do Centro de Estudos Afro-Orientais, em 1960 e a arquiteta italiana Lina Bo Bardi que – a convite de Juracy Magalhães – aporta na cidade para conceber o projeto do Museu de Arte Moderna da Bahia, inaugurado em 1960.

---

<sup>1</sup> Como na matéria 'Exemplo à Bahia: o moderno não interfere nas cidades tradicionais do velho mundo – Impressões de viagem do professor Godofredo Filho', no *Diário de Notícias*, de 19 de agosto de 1956.

<sup>2</sup> *Diário de Notícias*, 27 de maio de 1956.

## A parceria de Lina Bo Bardi com a Escola de Teatro de Martim Gonçalves

O diretor pernambucano Martim Gonçalves, criador e primeiro diretor da Escola de Teatro, faz parte do heterogêneo grupo de profissionais-artistas que vêm a Salvador coordenar e/ou ministrar os recém-criados cursos de artes da Universidade da Bahia. Segundo a imprensa da época, Gonçalves chega a Salvador em 1955, sendo a unidade de ensino criada em junho do ano seguinte, com o início das aulas em agosto. Sobre os cinco anos da administração Gonçalves, ainda não há um trabalho sistemático que investigue suas escolhas artísticas e administrativas para a instituição. De todo modo, em *Impressões Modernas – Teatro e Jornalismo na Bahia* (2009) promovo uma análise do que foi publicado na imprensa<sup>3</sup> sobre o diretor, suas atividades e parcerias criativas na cidade.

E é partindo exatamente da intensa produção divulgada pelos jornais da época que este artigo narra as atividades de parceria artística realizadas por Martim Gonçalves, através da Escola de Teatro, com a arquiteta Lina Bo Bardi, entre os anos 1959 e 1961.

Já em abril de 1959, Lina Bo Bardi, o maestro Hans Koellreutter e Martim Gonçalves ministram o curso 'Conversas sobre a continuidade histórica da expressão estética do homem – da pré-história à arte contemporânea'<sup>4</sup>, nas dependências da Escola de Teatro, no bairro do Canela, em Salvador. A iniciativa faz parte de uma intensa programação de cursos e atividades eletivas, promovidos pela Escola, com relativa regularidade. No início, em 1956/1957, a Escola de Teatro realiza, aos domingos à noite<sup>5</sup>, seminários públicos com mostra de cenas, nos quais os estudantes respondem às perguntas de colegas e demais espectadores. Após o período de implantação, também merece registro os cursos intensivos sobre o uso de máscaras (Pedro Correia de Araújo), o teatro de Gil Vicente (Raul Sá e Thiers Moreira), linguagem e expressão (Vitorino Nemésio), a atualidade dos clássicos (do diretor espanhol Luca de Tena), a música de Villa-Lobos (Álvaro Pimpão), a importância das artes plásticas no teatro (do pintor húngaro Laszlo Meitner). Percebe-se que a Escola devota atenção especial à arte da cenografia, ministrando cursos como 'O teatro e a cenografia', com o cenógrafo francês Felix Labisse; 'A arquitetura e o teatro', com George Izenour; 'Curso avançado de cenografia', com Norman Westwater e ainda uma exposição de fotos de cenários, com Beatrice Tanaka.

Em 1959, em paralelo às inúmeras montagens que promove, a Escola de Teatro, com a colaboração de Lina Bo Bardi, ainda estrutura a participação da unidade no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, na Reitoria, e organiza, em setembro do mesmo ano, também com a colaboração da arquiteta, a participação da Escola na V Bienal de São Paulo, através da Exposição Bahia. Com fotos de Pierre Verger, Silvio Robatto, Ennes Mello e Marcel Gautherot mostram-se influências da cultura africana, do recôncavo baiano, as carrancas do São Francisco, objetos do cotidiano e imagens sacras. O que se vê como resultado da exposição, além do diálogo entre o teatro e outras modalidades artísticas, é a integração profunda entre teatro e vida cotidiana, ressaltando a "cena" presente na rotina do homem do povo e, sobretudo, ampliando o conceito de "cultura" para além dos artefatos produzidos por uma dada elite intelectual e/ou econômica.

O texto do catálogo da Expo-Bahia, assinado por Jorge Amado traz as seguintes reflexões:

*"Esta exposição é um golpe de vista sobre a Bahia, uma visão da arte e do trabalho do povo baiano, e de sua vida. Realizada por Martim Gonçalves e Lina Bo Bardi, ela representa mais uma contribuição da Escola de Teatro da Universidade da Bahia para divulgação da verdade e do segredo da Bahia, de sua verdade mais profunda e de seu mistério maior".*

Logo adiante, sobre Martim, Jorge afirma:

<sup>3</sup> São analisados os jornais *A Tarde* e *Diário de Notícias* entre os anos 1956 e 1961,

<sup>4</sup> *Diário de Notícias*, 04 de abril de 1959. Na *Coluna Krista*, a autora comenta que encontrará os "intelectuais de sempre" no curso.

<sup>5</sup> Entrevista da atriz Nilda Spencer à autora, realizada em 20 de julho de 2003.

*"(...) soube compreender a impossibilidade de criar e pôr de pé uma verdadeira Escola de Teatro sem ligá-la às vísceras mesmo da cidade e do Estado, sem fazer dela parte integrante da vida baiana, do candomblé ao trabalho dos artesãos, da capoeira aos ceramistas, da culinária esplêndida à arquitetura. Ou a Escola era parte de tudo isso ou ela não poderia existir, seria uma excrescência na cidade tão cheia de caráter e tão ciosa do seu caráter. Creio ter sido essa compreensão o fator fundamental da vitória de Martim Gonçalves e da Escola de Teatro, mais ainda que o reconhecido talento, o bom-gosto, o conhecimento de teatro do jovem diretor".*

E ainda assinala sobre a participação de Lina, "cujo carinho e interesse pela Bahia já são de todos conhecido, prestou inestimável ajuda à organização desta mostra". Ressaltando o fato de a exposição ir além do pitoresco e do folclórico, Amado chama-a de "documentário de uma cidade, tomada de consciência de uma Escola".

O acervo coletado para esta famosa exposição foi inúmeras vezes apontado como o acervo que deu início ao Museu de Arte Popular, instituição organizada por Lina Bo, no Solar do Unhão, em Salvador, no início dos anos 1960. Contudo, cabe aqui esclarecer uma questão sobre a autoria do acervo inicial, organizado para a Bienal de São Paulo. O imaginário intelectual soteropolitano, após série de desavenças políticas com o diretor Gonçalves, riscou seu nome do evento, atribuindo a organização da Exposição Bahia apenas a arquiteta italiana. Curioso é que tal procedimento teria começado já em 1961, quando a própria Lina então vem a público defender Martim, em carta aberta à imprensa, publicada na página UNIDADE, do jornal *A Tarde*, em 11 de setembro de 1961. No texto, Lina Bo esclarece:

*"Senhor Redator de UNIDADE numa nota da edição de 04 do corrente dessa página universitária, assinada por R.Andrade, houve a afirmativa de que Lina Bardi "planejara e preparara" a Exposição Bahia na 2ª Bienal de São Paulo.*

*A nota, por seu caráter pessoal não mereceria retificação se UNIDADE não fosse um órgão dos estudantes que de mim tem toda amizade.*

*Creio ser meu dever, assim, procurar desfazer graves equívocos que informações mal recolhidas podem causar no desenvolvimento dos legítimos valores que atuam na luta pela cultura na Bahia.*

*A Exposição Bahia apresentada na V Bienal de São Paulo (e não na 2ª, como disse o articulista) e que tanto despertou o interesse dos meios artísticos e sociais do Brasil e do estrangeiro foi pensada, planejada e realizada pelo diretor da Escola de Teatro da Universidade da Bahia, prof. Martim Gonçalves, que procurou revelar, com meios estéticos de uma apresentação "teatral" as raízes populares da cultura baiana, em contraste com as correntes de importação que caracterizam a grande manifestação paulista.*

*Minha colaboração foi especialmente na parte arquitetônica, estreitamente ligada ao conteúdo da Exposição. A descoberta daqueles elementos da cultura baiana, por mim antes desconhecidos, fora resultado de minha aceitação de dirigir o Museu de Arte Moderna da Bahia.*

*Solicito à consciência que tanto define as novas gerações intelectuais a publicação desta carta na página de UNIDADE onde a nota acima comentada foi publicada, porquanto esta retificação constitui para mim um ato de ética profissional, rigorosamente necessário.*

*Com  
Arquiteta Lina Bardi*

*agradecimentos*

Toda esta polêmica poderia ser apenas águas passadas de um tempo confuso, mas o equívoco persiste com gravidade para a escrita de nossa memória. No primeiro semestre de 2009, a Exposição "Fragmentos: Artefatos populares, o olhar de Lina Bo Bardi", em exibição no Solar do Ferrão, em Salvador, vem sendo divulgada nos jornais como o "acervo garimpado por Lina Bo no

NE e cuja mostra foi exibida pela primeira vez no evento Bahia no Ibirapuera, durante a 5ª Bienal Internacional de São Paulo", como atestam várias reportagens, em especial as dos jornais *A Tarde*, *Folha de São Paulo* e *Estado de São Paulo*. Não está sendo feita qualquer referência a Martim Gonçalves.

Lina Bo, em setembro de 1959, era recém-chegada na Bahia e como ela mesma afirma "A descoberta daqueles elementos da cultura baiana, por mim antes desconhecidos, fora resultado de minha aceitação de dirigir o Museu de Arte Moderna da Bahia" Teria tempo nos poucos meses que antecederam sua chegada, de organizar um acervo de tal ordem? Ainda vale destacar que a mostra da Bienal se inspira numa outra singular exposição também organizada por Gonçalves na França, anos antes, em 1957. Nessa ocasião, o diretor da Escola de Teatro apresenta sob o título de *Danças e Teatros Populares no Brasil* profuso material fotográfico e sonoro de forte viés etnográfico, com exemplares do que chama de teatro popular brasileiro: os jogos de capoeira e a Procissão do Bom Jesus dos Navegantes. Ambas as exposições, organizadas por Gonçalves, representam a Escola de Teatro da Bahia, através de fotos e imagens sonoras que mostram o cotidiano do povo.

Segundo matéria publicada no *Diário de Notícias*, de 13 de abril de 1957, a mostra exibida na França, com fotos de Marcel Gautherot e Sílvio Robatto integra o Festival do Teatro das Nações, com patrocínio do Centro Francês do Théâtre e da Aliança Francesa. "Os jornais de Paris demonstraram um vivo interesse pela exposição que apresentou ao público francês uma amostra dos nossos folguedos e danças dramáticas", destaca a reportagem. A matéria não deixa de ressaltar que a "Escola de Teatro pretende desenvolver o seu programa de ensino, formando novos técnicos para o teatro brasileiro e incentivando os autores dramáticos a entrarem em contato com as fontes de inspiração tradicional e popular".<sup>6</sup>

Aqui vale alguma insistência no tópico, haja vista denúncias tão peremptórias ao projeto e à gestão de Gonçalves para a Escola e à acusação de que ele seria apenas um 'encenador dileitante' 'adepto de estrangeirismos'. Acusam-no de, à época, montar autores sem nenhuma programação, selecionando-os apenas por serem 'famosos' ou e ainda de que 'não trabalhava' com autores nacionais.

Como se não bastasse as iniciativas já relatadas, na Escola de Teatro são recuperadas as atividades do Rancho da Lua, uma espécie de terno de reis após 46 anos de inatividade. A produção musical deste conjunto de origem popular são posteriormente recuperadas por Gonçalves na encenação de *Uma véspera de Reis na Bahia*, de Arthur Azevedo.

Nota-se que a falaciosa crítica jornalística atuante nas décadas de 1950/1960 não se debruça com o necessário cuidado sobre a intrincada rede de referências artístico-culturais que toma Salvador, a partir das atividades da Escola, entre os anos 1950/1960. E, dando ênfase às questões extrapalcos, tende a denominar de "colonizador" toda e qualquer informação, processo poético ou de linguagem que não seja "assumidamente" baiano/brasileiro. Ao retomar "a voz da imprensa" sem maiores considerações críticas, o livro *O Teatro na Bahia através da imprensa* (Franco, 1994) reproduz os mesmos equívocos perpetrados pelo jornalismo da época. E, pior, sem retomar igualmente a variedade de eventos promovidos por Gonçalves, também publicados pelos jornais da época, o que tornaria mais complexo o rótulo dado ao encenador de 'adepto de estrangeirismos'.

Gonçalves apresenta a cidade tanto um painel da melhor dramaturgia ocidental até então escrita, com Albert Camus (*Calígula*, com cenário de Lina Bo), Bertolt Brecht (*A Ópera dos Três Tostões*, com cenário de Lina Bo), Gil Vicente, Paul Claudel, Yukio Mishima e Tennessee Williams, quanto encena os brasileiros Antonio Callado, Maria Clara Machado, Ariano Suassuna e Arthur Azevedo. O diretor também publica artigos sobre teatro popular no Caderno Crônicas, editado por Lina Bo Bardi para o jornal *Diário de Notícias*, e monta o primeiro espetáculo teatral de cordel na Bahia (*Graça e Desgraça na Casa do Engole Cobra*, de Francisco Pereira da Silva).

<sup>6</sup> Em matéria de 08 de dezembro de 1957, o *Estado da Bahia* informa que a exposição, depois de Paris, permanece três meses no Museu de Etnografia de Viena, mais tarde sendo também exibida em Roma.

Tal linhagem de raciocínio que “esquece” a complexidade do trabalho de Martim Gonçalves desenvolvido com ou sem a parceria de Lina Bo pode ser mapeada ainda no livro de Antônio Risério, *Avant-Garde na Bahia* (1995), que utiliza como fonte bibliográfica sobre teatro unicamente Franco. Neste livro, equivocadamente, o autor considera que apenas os mestres estrangeiros, diretores das demais escolas de arte da Universidade da Bahia, são responsáveis por promover uma dialética intensa entre as linguagens européias e a cultura popular, entre ‘o cosmopolita e o antropológico’ no cenário cultural do período:

*“Mas há aqui que distinguir: enquanto Lina Bo e Koellreutter eram essencialmente avant-garde, Gonçalves se movia no espaço mais eclético e até mais complacente. É certo que fez, com uma belíssima arquitetura cênica de Lina, a montagem de A Ópera dos Três Tostões, de Bertolt Brecht. Mas isso entre muitas outras coisas. Gonçalves encenava, em verdade, peças consagradas. Podemos nos referir a ele nos termos mais genéricos da modernidade, mas dificilmente no espaço específico da avant-garde” (RISÉRIO, 1995: p. 23).*

Como vimos, Martim Gonçalves fez muito mais do que ‘encenar peças consagradas’. Ao contrário, a partir de pesquisa direta empreendida nos jornais da época e de forma nunca antes articulada em detalhes, o livro *Impressões Modernas* (2009) mostra como as atividades da Escola de Teatro promovem encontros entre o repertório erudito ocidental, a cultura popular e a cultura nordestina<sup>7</sup>, abrindo caminho para um sem-número de atividades *a posteriori*. Sobre Gonçalves, assim se expressa Lina Bo, em novembro de 1990<sup>8</sup>:

*“Formou-se em Oxford e só voltou depois do fim da guerra. Mas era o brasileiro mais brasileiro dos brasileiros que conheci. Era uma pessoa muito delicada, muito inteligente, uma criatura angélica, maravilhosa. Uma daquelas criaturas que são tomadas em ridículo porque acreditam nas coisas e nadam contra a corrente. (...) Realizou o trabalho dele na Universidade, que foi muito importante, e o trabalho no teatro, que concebia no sentido mais moderno, como uma forma de expressão de certas possibilidades de comportamento – como na medicina psicossomática, no psicodrama e no sociodrama – e isso foi muito importante. Então, o Teatro e as coisas que ele fez tinham um caráter social da maior importância” (EICHBAUER, 1990: p.12).*

Para além das polêmicas, a cumplicidade entre Gonçalves e Lina Bo no projeto de desenvolvimento cultural e artístico de Salvador se sofisticava. Em maio de 1960, eles dão partida a um novo plano, a Escola da Criança, nas dependências do Teatro Castro Alves, onde então funciona o Museu de Arte Moderna da Bahia (então denominado de Mamb). A arrojada unidade de educação infantil ensina os mais modernos métodos e técnicas de artes plásticas e música para crianças.

A aula inaugural da Escola da Criança acontece em 25 de maio de 1960, com a participação dos 26 professores-bolsistas. O *Diário de Notícias* do dia seguinte abre matéria com declaração de Gonçalves, reforçando os objetivos do projeto: “A Escola da Criança não realizará exposições de pinturas, não criará garotos-prodígio em arte, não promoverá pequenos gênios”. Assim, informa que o centro não formará crianças artistas, mas lhes dará *apenas* técnicas de pintura e música, também com o objetivo de formar um público fruidor. Em matéria anterior, de 29 de abril de 1960, o *Diário de Notícias* traz entrevista com Gonçalves, também orientador desta Escola, na qual fala sobre o futuro corpo docente, composto por professores de outros estados e recém-formados da Universidade da Bahia, inclusive da Escola de Teatro.

---

<sup>7</sup> No livro *Arte na Bahia*, organizado por Hélio Eichbauer e Dedé Veloso, Lina Bo Bardi chama atenção para o fenômeno que também ocorria em todo o Nordeste: “Foi um processo que ocorreu não só na Bahia, mas no Nordeste como um todo, e que não pode ser abolido. Em Pernambuco, no Triângulo Mineiro, no Ceará, no Polígono da Seca, se encontrava um fermento, uma violência, uma coisa cultural no sentido histórico verdadeiro de um país, que era o conhecer de sua própria personalidade”. EICHBAUER, Hélio. Op. Cit. p. 12.

<sup>8</sup> No mesmo *Arte na Bahia*, outro texto de Lina Bo, desta vez datado de 1967, afirma “Martim Gonçalves tinha criado, na Escola de Teatro, um verdadeiro centro de cultura”. EICHBAUER, Hélio. Op.cit.

Em janeiro de 1961, durante o primeiro aniversário do MAM<sup>9</sup>, Lina Bo fala com animação deste projeto conjunto com a Escola de Teatro, afirmando a existência de 150 inscitos. As referências sobre a entidade são reduzidas e até o final do período analisado (1956-1961), não há mais citações à Escola da Criança.

### **Percursos para uma conclusão**

Essas e outras parcerias do encenador Eros Martim Gonçalves estão sendo investigadas no âmbito da pesquisa de doutorado *Martim Gonçalves: Uma Escola de Teatro contra a Província*, desenvolvida no Programa de Pos-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, com término previsto para 2011.

### **Bibliografia**

- ARAÚJO, Nelson. História do Teatro. Salvador: Funceb, 1978. 412p.
- AUGUSTO, João. Problemática do Teatro na Bahia. In: Tavares. Luiz Henrique Dias (org.) Porto de Todos os Santos – Revista do Departamento da Educação Superior e da Cultura. Bahia: Secretaria da Educação e Cultura, setembro de 1968. p. 165-171. v.2
- CANCLINI, Nestor. Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. São Paulo: EDUSP, 2003. 386p.
- CARVALHO, Maria do Socorro Silva. A Nova Onda Baiana: Cinema na Bahia (1958-1962). Salvador: EDUFBA, 2003. 218p.
- EICHBAUER, Hélio e VELOSO, Dedé. Arte na Bahia. Salvador: Corrupio, 1991. 74p.
- FRANCO, Aninha. O Teatro na Bahia através da Imprensa – século XX. Salvador: FCJA/Cofic/Fceba, 1994.408p.
- LUDWIG, Selma Costa. Mudanças na Vida Cultural de Salvador: 1950/1970. Dissertação de mestrado aprovada pelo PPGCS/FFCH/UFBA,1982.
- RISÉRIO, Antonio. Avant-garde na Bahia. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1995. (Pontos sobre o Brasil). 260p.
- ROCHA, Glauber. Cartas ao Mundo (1939-1981). Glauber Rocha; organização Ivana Bentes. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 794p.
- SANTANA, Jussilene. Impressões Modernas - Teatro e Jornalismo na Bahia. Salvador: Vento Leste, 2009. 349p
- SENNA, Orlando. Teatro na Bahia. In: Porto de Todos os Santos – revista do Departamento da Educação Superior e da Cultura. Bahia: Secretaria da Educação e Cultura, abril de 1968. p143-154.
- VELOSO, Caetano. Verdade Tropical. São Paulo, Cia das Letras, 1997. 524p.

---

<sup>9</sup> O *Diário de Notícias* publica, em 06 de janeiro de 1961, uma importante matéria sobre as atividades deste primeiro ano. Num incrível balanço sabemos que foram realizadas: 25 exposições (sete apenas didáticas), o que reflete seu espírito educacional, mas do que de conservação de 'obras'. "Arte é coisa ligada ao homem mais simples e não privilégio de alguns", afirma Lina. Ainda na reportagem, a diretora do MAM revela a vontade de criar uma Universidade Popular, em 1962, equipada com laboratório de pesquisas e criação de objetos para necessidades das indústrias nacionais.